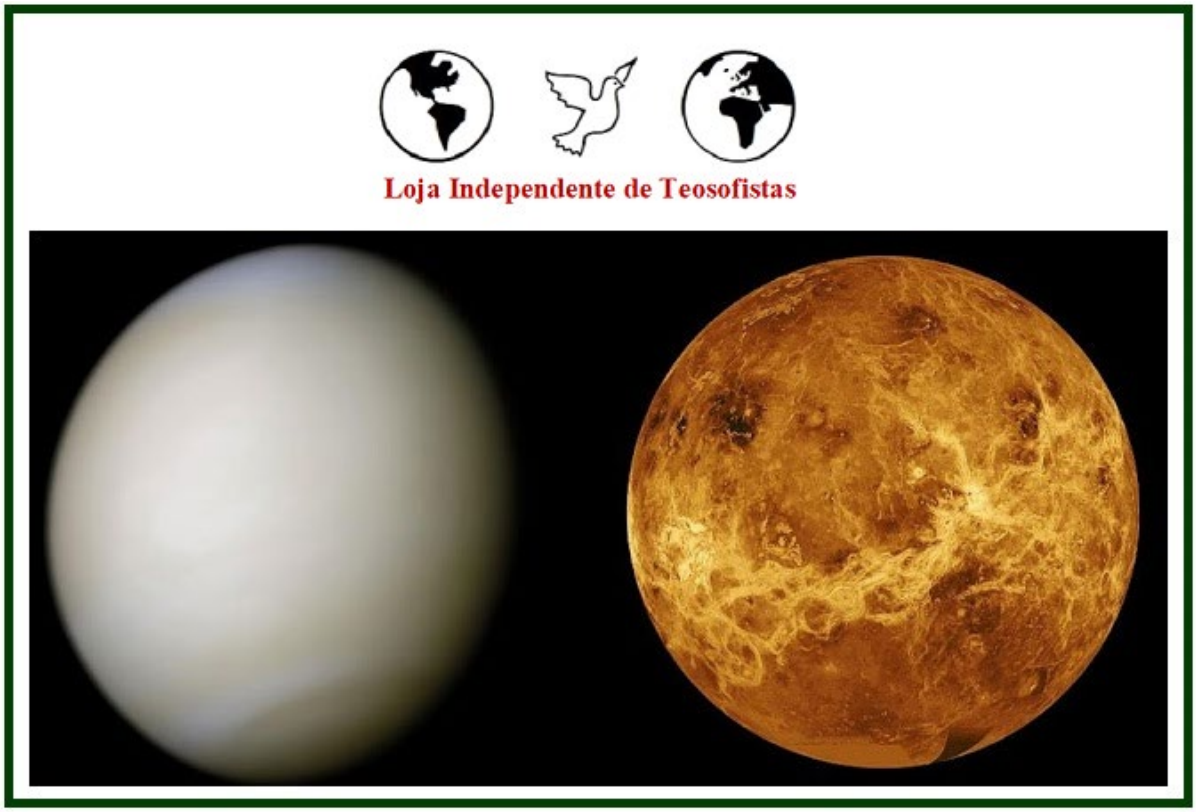
A História de um Planeta: Vênus

O Portador da Luz Nada Tem a Ver Com Escuridão, e Tem Tudo a Ver com a Luz

Helena P. Blavatsky



"Vênus-Lúcifer [*é*] a irmã oculta e *alter-ego* da nossa Terra."

(Helena P. Blavatsky em "**A Doutrina Secreta**", Edição Online da LIT, Parte I do **Volume I, p. 320**)

Entre as incontáveis miríades de estrelas que cintilam sobre os campos siderais do céu noturno, nenhuma brilha tão ofuscantemente quanto o planeta Vênus - nem mesmo Sirius-Sótis, a estrela-cão, amada por Ísis. Vênus é a rainha entre os nossos planetas, a joia da coroa do nosso sistema solar. Vênus é a inspiração do poeta, a guardiã e companheira do pastor solitário, é a adorável estrela da manhã e da tarde. Pois,

"*As estrelas ensinam tanto quanto brilham*",

embora os seus segredos ainda não tenham sido contados nem revelados à maioria dos homens, nem mesmo aos astrônomos. As estrelas são de fato "uma beleza e um mistério". Mas "onde há um mistério, geralmente se supõe que também deve haver o mal", diz Byron. O mal, portanto, foi detectado pela imaginação humana que tem inclinação maligna - até mesmo naqueles olhos claros e luminosos que olham para o nosso mundo maldoso através do véu do éter. Deste modo, passaram a existir estrelas e planetas caluniados, assim como há homens e mulheres caluniados. Com frequência a reputação e a fortuna de um homem ou de um grupo são sacrificadas em benefício de outro homem ou grupo. Assim na Terra como no Céu, e Vênus, a irmã da nossa Terra **[1]**, foi sacrificada à ambição do nosso pequeno globo de mostrar-se como o planeta "escolhido" pelo Senhor. Vênus tornou-se o bode expiatório, o *Azaziel* da cúpula estrelada, em função dos pecados da Terra, ou melhor, dos pecados de uma certa classe da família humana - o clero - que caluniou o orbe brilhante, para provar o que a sua ambição lhe sugeria como o melhor meio de alcançar o poder e exercê-lo inabalavelmente sobre as massas supersticiosas e ignorantes.

Isso ocorreu durante a Idade Média. E agora o pecado volta para acusar os cristãos e seus inspiradores científicos, embora o erro tenha sido levado com sucesso à elevada posição de um dogma religioso, assim como muitas outras ficções e invenções.

De fato, todo o mundo sideral, planetas e seus regentes - os antigos deuses do paganismo poético - o Sol, a Lua, os elementos e toda a hoste de mundos incalculáveis - aqueles pelo menos conhecidos pelos Padres da Igreja - compartilharam do mesmo destino. Foram todos caluniados, todos atormentados pelo desejo insaciável de provar que um pequeno sistema de teologia - construído sobre, e a partir de, antigos materiais pagãos - era o único correto e sagrado, e que todos aqueles que o precederam ou o sucederam estavam completamente errados. O Sol e as estrelas, o próprio ar, somos levados a crer, tornaram-se puros e "redimidos" do pecado original e do elemento satânico do paganismo, somente após o ano um da era cristã. Os escolásticos e escoliastas, cujo espírito "rejeitou a investigação laboriosa e a lenta indução", demonstraram, para satisfação da Igreja infalível, que todo o Cosmos estava sob o poder de Satanás - afirmação pouco elogiosa a Deus - até o nascimento de Cristo; e os cristãos tinham que acreditar nisso ou ser condenados. Nunca, porém, a sutileza do sofisma e do casuísmo se mostraram tão claramente em sua verdadeira luz como nas questões do ex-satanismo e da posterior redenção de vários corpos celestes. A pobre e bela Vênus foi derrotada naquela guerra das chamadas provas divinas em maior grau do que qualquer um dos seus colegas siderais. Enquanto a história dos outros seis planetas, e sua gradual transformação de deuses greco-arianos em demônios semíticos, e finalmente em "atributos divinos dos *sete olhos* do Senhor", é conhecida apenas pelos cultos, a de Vênus-Lúcifer tornou-se uma história familiar até mesmo entre os mais analfabetos dos países católicos romanos.

Esta história será agora contada para benefício daqueles que tenham negligenciado o estudo da mitologia astral.

Vênus, caracterizada por Pitágoras como o "*alter sol*", um segundo Sol, devido à sua radiância magnífica - inigualável por nenhum outro planeta - foi a primeira a atrair a atenção dos antigos teogonistas. Antes de começar a ser chamada de Vênus, era conhecida na teogonia *pré*-hesiódica como Eósforo (ou Fósforo) e Héspero, os filhos da aurora e do crepúsculo. Em Hesíodo, além disso, o planeta é decomposto em dois seres divinos, dois irmãos - Eósforo (o

Lúcifer dos latinos), a estrela da manhã, e Héspero, a estrela da tarde. Eles são filhos de Astro e Eos, o céu estrelado e a aurora, bem como de Céfalo e Eos (*Teog*: 381, Hyg. Poet. Astron. 11, 42). Preller, citado por Decharme, mostra Faetonte idêntico a Fósforo ou Lúcifer (*Grech. Mythol*: I, 365). E, sob a autoridade de Hesíodo, ele também faz de Faetonte o filho das duas últimas divindades - Céfalo e Eos.

Ora, Faetonte ou Fósforo, o "orbe luminoso da manhã", é levado em sua juventude por Afrodite (Vênus), que o torna o guardião noturno do santuário dela (*Teog*.: 987-991). Ele é a "bela estrela da manhã" (*vide* Apocalipse XXII de São João, 16), é amado por sua luz radiante pela Deusa do Amanhecer, Aurora, que, enquanto gradualmente eclipsa a luz de seu amado, parecendo assim levar consigo a estrela, a faz reaparecer no horizonte vespertino, onde vigia os portões do céu. No início da manhã, *Fósforo* "emergindo das águas do Oceano, ergue no céu sua cabeça sagrada para anunciar a aproximação da luz divina" (*Ilíada*, XXIII, 226; *Odisseia*: XIII, 93; Virgílio: *Eneida*, VIII, 589; *Mythol. de la Grèce Antique*: 247). Ele segura uma tocha na mão e voa pelo espaço enquanto avança à frente do carro de Aurora. Ao anoitecer, ele se torna Héspero, "a mais esplêndida das estrelas que brilham na abóbada celeste" (*Ilíada*, XXII, 317). Ele é o pai das Hespérides, as guardiãs das maçãs de ouro, juntamente com o Dragão; é o belo gênio dos cachos dourados esvoaçantes, cantados e glorificados em todos os antigos *epitalâmios* (os cânticos nupciais dos primeiros cristãos, assim como dos gregos pagãos); é ele, que ao cair da noite, conduz o *cortejo* nupcial e entrega a noiva nos braços do noivo. (*Carmen Nuptiale*. Veja *Mythol. de 1a Grèce Antique*. Decharme.)

Até agora, parece não haver nenhuma *aproximação* possível, nenhuma analogia a ser descoberta entre essa personificação poética de uma estrela, um mito puramente astronômico, e o *satanismo* da teologia cristã. É verdade que a estreita conexão do planeta, visto como Héspero, a estrela da tarde, com o Jardim do Éden grego e seu Dragão e as maçãs de ouro pode, com um certo esforço de imaginação, sugerir algumas comparações dolorosas com o capítulo três do Gênesis. Mas isso não é o suficiente para justificar o levantamento de um muro de defesa da teologia contra o paganismo, construindo-o com calúnias e distorções.

De todos os evemerismos gregos, Lúcifer-Eósforo é, talvez, o mais complexo. O planeta tornou-se, para os latinos, Vênus, ou Afrodite-*Anadyomene*, a Deusa nascida da espuma, a "Mãe Divina", e tornou-se um com a fenícia Astarte, ou a judaica Astaroth. Todas eram chamadas de "Estrela da Manhã", e as Virgens do Mar, ou *Mar* (de onde Maria), o grande Abismo, títulos agora dados pela Igreja Romana à sua Virgem Maria. Todas estavam conectadas com a Lua e o Crescente, com o Dragão e o planeta Vênus, assim como a mãe de Cristo foi conectada a todos esses atributos. Se os marinheiros fenícios carregavam, fixada na proa de seus navios, a imagem da deusa Astarte (ou Afrodite, Vênus Ericina) e consideravam a estrela da tarde e a estrela da manhã como *sua* estrela-guia, "o olho de sua Deusa-mãe", o mesmo acontece com os marinheiros católicos romanos até hoje. Eles fixam uma Madona na proa de seus navios, e a Santíssima Virgem Maria é chamada de "Virgem do Mar". Sendo a padroeira aceita pelos marinheiros cristãos, a sua estrela, "*Stella Del Mar*", etc., ela fica situada sobre a lua crescente. Assim como as antigas deusas pagãs, ela é a "Rainha do Céu" e a "Estrela da Manhã", exatamente como elas.

Se isso pode ou não pode explicar alguma coisa, é uma questão que deixamos a cargo da sagacidade do leitor. Enquanto isso, é um fato que Lucifer-Vênus não tem coisa alguma a ver com escuridão, e tudo a ver com luz. Quando chamado de *Lúcifer*, o planeta é o "portador da luz", o primeiro raio luminoso brilhante que destrói a mortal escuridão da noite. Quando

chamado de Vênus, este planeta-estrela se torna o símbolo do amanhecer, a casta Aurora. O professor Max Müller supõe corretamente que Afrodite, nascida do mar, é a personificação da Aurora e a mais bela de todas as visões na Natureza ("Science of Language"), pois, antes de sua naturalização pelos gregos, Afrodite era a Natureza personificada, a vida e a luz do mundo Pagão, tal como é comprovado na bela invocação a Vênus feita por Lucrécio, citada por Decharme. Ela é a Natureza *divina* em sua totalidade, *Aditi-Prakriti* antes de se tornar Lakshmi. Ela é aquela Natureza diante de cuja face majestosa e bela "os ventos voam para longe, o céu já quieto derrama torrentes de luz e as ondas do mar sorriem" (Lucrécio). Quando mencionada como a deusa síria Astarte, a Astaroth de Hierópolis, o planeta radiante era personificado como uma mulher majestosa, segurando em uma mão estendida uma tocha e, na outra, um cajado torto em forma de cruz. (Veja *De Dea Syriê*, de Luciano, e *De Nat. Deorum*, de Cícero, III, cap. 23). Por fim, o planeta é representado astronomicamente como um globo *suspenso sobre a cruz* - um símbolo com o qual nenhum demônio gostaria de se associar -, enquanto o planeta Terra é um globo com uma cruz *sobre ele*.

Mas cabe alertar para o fato de que essas cruzes não são o símbolo do cristianismo, mas sim a *crux ansata* egípcia, o atributo de Ísis (que é Vênus, e Afrodite, e a Natureza, também) ♀ ou ♀, Vênus, o planeta; o fato de que Terra tem a *crux ansata* invertida, ♁, possui um grande significado oculto que não há necessidade de abordar neste momento.

Ora, o que diz a Igreja e como ela explica esta "terrível associação"? A Igreja acredita no diabo, é claro, e não podia se dar ao luxo de perdê-lo. "*O Diabo é o principal pilar da Igreja*", confessa descaradamente um defensor **[2]** da Igreja militante ("Ecclesia Militans"). "Todos os gnósticos alexandrinos nos falam da queda dos Éons e de seu Pleroma, e todos atribuem essa queda *ao desejo de saber*", escreve outro voluntário do mesmo exército, caluniando os gnósticos como de costume, e identificando *o desejo de saber*, ou ocultismo e magia, com o satanismo.**[3]** E depois, imediatamente, ele cita a *Philosophie de l'Histoire*, de Schlegel, para mostrar que os sete reitores (planetas) de Poimandres, "comissionados por Deus para conter o mundo fenomênico em seus sete círculos, mas perdidos no amor pela sua própria beleza **[4]**, passaram a admirar a si próprios com tanta intensidade que, devido a essa orgulhosa autoadulação, finalmente *caíram*".

Tendo assim a perversidade encontrado seu caminho entre os anjos, a mais bela criatura de Deus "revoltou-se contra seu Criador". Essa criatura é, na fantasia teológica, Vênus-Lúcifer, ou melhor, o Espírito ou Regente orientador daquele planeta. Este ensinamento baseia-se na seguinte especulação. Os três principais heróis da grande catástrofe sideral mencionada no Apocalipse são, de acordo com o testemunho dos Padres da Igreja - "o Verbo, Lúcifer, seu usurpador (ver editorial da revista "Lucifer" de Londres, edição de setembro de 1887) e o grande Arcanjo que o derrotou", e cujos "palácios" (chamados de "casas" em astrologia) estão no Sol, em Vênus-Lúcifer e Mercúrio. Isso é bastante evidente, visto que a posição desses orbes no sistema solar corresponde, em sua ordem hierárquica, à dos "heróis" no Capítulo XII do *Apocalipse*, "seus nomes e destinos (?) estando intimamente ligados, no sistema teológico (exotérico), a esses três grandes nomes metafísicos". (*Memoir* de De Mirville para a Academia de França, sobre os espíritos e os demônios que produzem ruídos de pancadas.)

O resultado disso foi que a lenda teológica fez de Vênus-Lúcifer a esfera e o domínio do Arcanjo caído, ou Satanás antes de sua apostasia. Instados a reconciliar essa afirmação com o outro fato, de que a metáfora da "estrela da manhã" se aplica tanto a Jesus quanto à sua mãe virgem, e de que o planeta Vênus-Lúcifer está incluído, além disso, entre as "estrelas" dos

sete espíritos planetários adorados pelos católicos romanos **[5]** sob novos nomes, os defensores dos dogmas e crenças latinos respondem da seguinte forma:

"Lúcifer, o vizinho ciumento do Sol (Cristo), disse a si mesmo em seu grande orgulho: 'Eu subirei tão alto quanto ele!' Lúcifer foi impedido por Mercúrio de alcançar este objetivo, embora o brilho de Mercúrio (que é São Miguel) estivesse tão perdido nos fogos ardentes do grande orbe Solar quanto o seu próprio, e embora, assim como Lúcifer, Mercúrio seja apenas o assessor e o guarda de honra do Sol." (*Ibid*.)

Guardas de "desonra", mais precisamente, se os ensinamentos do cristianismo teológico fossem verdadeiros. Mas nisso vem o pé de cabra do Jesuíta. O ardente defensor da Demonolatria Católica Romana e da adoração dos sete espíritos planetários finge ao mesmo tempo grande surpresa pelas coincidências entre antigas *lendas* pagãs e cristãs, entre a fábula sobre Mercúrio e Vênus e as *verdades históricas* contadas sobre São Miguel - o "anjo da face" -, o duplo terrestre, ou *ferouer* [*anjo da guarda*] de Cristo. Ele as assinala dizendo: "como Mercúrio, o arcanjo Miguel é amigo do Sol, representa Mitra, talvez, pois Miguel é um espírito *psicopômpico*, aquele que conduz às suas moradas designadas as almas que foram separadas dos corpos, e que, como Mitra, é o *bem-conhecido adversário dos demônios*. Isso é demonstrado pelo livro dos *Nabateus*, recentemente descoberto (por Chwolson), no qual a divindade zoroastriana Mitra é chamada de "*grande inimiga do planeta Vênus*". **[6]** (*Ibid*. p. 160.)

Há algo nisso. Finalmente, uma confissão franca da identidade perfeita de personagens celestiais e da tomada por empréstimo de todas as fontes pagãs. É de fato *curioso*, ainda que seja descarado. Enquanto nas alegorias mazdeanas mais antigas Mitra vence o planeta Vênus, na tradição cristã Miguel derrota Lúcifer, e ambos recebem, como despojo de guerra, o planeta da divindade que foi vencida.

"Mitra", diz Dollinger, "possuía antigamente a estrela de Mercúrio, colocada entre o Sol e a Lua, mas foi-lhe dado o planeta dos vencidos, e desde a sua vitória ele é identificado com Vênus." ("*Judaisme and Paganisme*", Vol. II., p. 109. Tradução francesa.)

"Na tradição cristã", acrescenta o erudito Marquês, "a São Miguel é *atribuído no Céu o trono e o palácio do inimigo que ele derrotou*. Além disso, tal como Mercúrio, durante os dias mais prósperos do paganismo, que tornou sagrados para este deus-demônio todos os promontórios da Terra, *o Arcanjo é o patrono dos mesmos promontórios em nossa religião*." Isso significa, se é que significa alguma coisa, que agora, pelo menos, Lúcifer-Vênus é um planeta sagrado, e não sinônimo de Satã, já que São Miguel se tornou seu herdeiro legal?

As considerações acima concluem com esta fria reflexão:

"É evidente que o paganismo *utilizou com anterioridade,* e de forma extremamente maravilhosa, todos os traços e características do *príncipe da face do Senhor* (Miguel), aplicando-os àquele *Mercúrio*, o *Hermes Anúbis* egípcio e ao *Hermes Cristo* dos gnósticos. Cada um deles era representado como o primeiro entre os conselheiros divinos e como o deus mais próximo do Sol, *quis ut Deus*."

Título que, com todos os seus atributos, passou a ser o título de Miguel. Os bons padres, que são os Mestres Maçons do templo da Cristandade *da Igreja*, sabiam muito bem como utilizar material pagão para os seus novos dogmas.

O fato é que basta examinar certos *cartouches* egípcios, assinalados por Rossellini (*Egypte*, Vol. I, p. 289), para encontrar Mercúrio (o duplo de Sirius em nosso sistema solar) como Sótis, precedido pelas palavras "sole" e "*solis custode, sostegnon dei dominanti, e forte grande dei vigilante*", "custódio do Sol, sustentador dos domínios e o mais forte entre os vigilantes". Todos esses títulos e atributos são agora do Arcanjo Miguel, que os herdou dos "*demônios*" do paganismo.

Além disso, viajantes em Roma podem testemunhar a maravilhosa presença na estátua de Mitra, no Vaticano, dos símbolos cristãos mais conhecidos. Os místicos têm orgulho disto. Eles veem "em sua cabeça de leão e nas suas asas de águia, as características do corajoso Serafim, o mestre do espaço (Miguel); no caduceu de Mitra, a lança; nas duas serpentes enroladas em seu corpo, a luta dos princípios do bem e do mal; e especialmente nas duas chaves que Mitra segura, tal como São Pedro, eles veem as chaves com as quais este Serafim, patrono de São Pedro, abre e fecha as portas do Céu, *astra cludit et recludit*". (*Memoir*, p. 162)

Para resumir, o que expusemos acima mostra que a visão teológica de Lúcifer foi construída sobre os vários mitos e alegorias do mundo pagão, e que não é um dogma *revelado*, mas simplesmente algo inventado para sustentar a superstição. Mercúrio é um dos *assessores* do Sol, ou o *cinocéfalo* dos egípcios, e *um dos cães de guarda do Sol*, literalmente, ao lado de *Eósforo*, o mais brilhante dos planetas, "*qui mane oriebaris*", o que nasce cedo, ou o grego *ορθρινος*. Era idêntico ao *Amoon-ra*, o portador da luz do Egito, e chamado por todas as nações de "o *segundo nascido* da luz" (o primeiro sendo Mercúrio), o início de seus caminhos de sabedoria (do Sol), sendo que o Arcanjo Miguel é também mencionado como o *principium viarum Domini*.

Assim, uma personificação puramente astronômica, construída sobre um significado oculto que ninguém até hoje pareceu decifrar exceto a partir da sabedoria oriental, tornou-se, agora, um dogma e uma parte integrante da revelação cristã. Uma desajeitada transferência de caracteres não está à altura da tarefa de fazer com que pessoas capazes de pensar aceitem, em um mesmo grupo trinitário, o "Verbo" ou Jesus, Deus e Miguel (com a Virgem ocasionalmente para completar), de um lado; e Mitra, Satã e Apolo-Abaddon, de outro lado: tudo conforme os caprichos e a satisfação dos escolásticos católicos romanos. Se Mercúrio e Vênus (Lúcifer) são (astronomicamente em suas revoluções ao redor do Sol) os símbolos do Deus Pai, do Filho e do seu Vigário, Miguel, o "Vencedor do Dragão" na lenda cristã, por que então deveriam, quando chamados de Apolo-*Abaddon*, o "Rei do Abismo", Lúcifer, Satã ou Vênus, transformar-se imediatamente em diabos e demônios? Se nos dizem que o "vencedor", ou "Mercúrio-Sol", ou ainda São Miguel do *Apocalipse*, recebeu os despojos do anjo derrotado, ou seja, seu planeta, por que a condição de desprezível deveria continuar a ser atribuída a uma constelação assim tão purificada? Lúcifer é agora o "Anjo da Face do Senhor"**[7]**, porque "aquela face está refletida nele". Pensamos que é porque o Sol reflete os seus raios sobre Mercúrio sete vezes mais do que sobre a nossa Terra, e duas vezes mais que sobre Lúcifer-Vênus: e assim o símbolo cristão mostra mais uma vez a sua origem astronômica. Mas, seja desde o ponto de vista astronômico, místico ou simbológico, Lúcifer é tão bom quanto qualquer outro planeta. Apresentar como prova de seu caráter demoníaco e identidade com Satanás a configuração de Vênus, que dá ao crescente deste planeta a aparência de um chifre cortado, é um perfeito absurdo. Mas conectar isso com os chifres do "Dragão Místico" no *Apocalipse* - "um dos quais foi quebrado" **[8]** - conforme os dois demonologistas franceses, o Marquês de Mirville e o Cavaleiro des Mousseaux, ambos heróis

defensores da Igreja militante, gostariam que seus leitores acreditassem na segunda metade do nosso século dezenove - é simplesmente um insulto ao público.

Além disso, o Diabo não tinha chifres antes do quarto século da era cristã. Trata-se de uma invenção puramente patrística, que surgiu do desejo dos Padres de conectar a sua lenda Satânica com o deus Pan, e os faunos e sátiros pagãos. Na imaginação de seus adoradores, os demônios do mundo pagão eram tão desprovidos de chifres e de caudas quanto o próprio Arcanjo Miguel. Os "chifres" eram, no simbolismo pagão, um emblema do poder divino e da criação, e da fertilidade na natureza. Daí os chifres de carneiro de Amon, de Baco e de Moisés em medalhas antigas, e os chifres de vaca de Ísis e Diana, etc., etc., e do próprio Senhor Deus dos Profetas de Israel. Pois Habacuque dá a evidência de que esse simbolismo foi aceito tanto pelo "povo escolhido" quanto pelos gentios. No Capítulo III, esse profeta fala do "Santo do Monte Parã", do Senhor Deus que "vem de Temã, e *cujo resplendor era como a luz*", e que tinha "*chifres* saindo de sua mão".

Quando se lê, também, o texto hebraico de Isaías, e se constata que nenhum "Lúcifer" é mencionado no Capítulo XIV, v. 12, mas simplesmente **ח י ל ל**, Hillel, "uma estrela *brilhante*", dificilmente se pode deixar de perguntar por que motivo pessoas educadas ainda permanecem suficientemente ignorantes, no final do século 19, para associar um planeta radiante - ou, aliás, qualquer outra coisa na natureza - com o DIABO! **[9]**

NOTAS DE HPB:

[1] "Vênus é uma segunda Terra", diz Reynaud, em *Terre et Ciel* (p. 74), "tanto que, se houvesse alguma comunicação possível entre os dois planetas, seus habitantes poderiam tomar suas respectivas Terras pelos dois hemisférios do mesmo mundo... Parecem, no céu, duas irmãs. Semelhantes em conformação, esses dois mundos também são semelhantes no caráter que lhes é atribuído no Universo."

[2] Assim diz Des Mousseaux. "Mœurs et Pratiques des Demons", p. X, e ele é corroborado nesse ponto pela Cardeal de Ventura. O Diabo, diz ele, "é um dos grandes personagens *cuja vida está intimamente ligada à vida da Igreja*; e sem ele ..... a queda do homem não poderia ter ocorrido. Se não fosse por ele (o Diabo), então o Salvador, o Redentor, o Crucificado, seria ridiculamente supérfluo, e a Cruz, um insulto ao bom senso". E se assim for, devemos nos sentir gratos ao pobre Diabo.

[3] De Mirville. "Sem Diabo, não há Cristo", exclama ele.

[4] Esta é apenas outra versão de Narciso, a vítima grega da sua própria aparente beleza.

[5] O famoso templo dedicado aos Sete Anjos em Roma, e construído por Miguel Ângelo em 1561, ainda está lá, sendo agora chamado de "Igreja de Santa Maria dos Anjos". Nos antigos Missais Romanos impressos em 1563 - um ou dois dos quais ainda podem ser vistos no Palazzo Barberini - pode-se encontrar o serviço religioso (*officio*) dos sete anjos e seus nomes *antigos* e ocultos. Que os "anjos" são os Reitores pagãos, sob diferentes nomes - os judeus tendo substituído os nomes gregos e latinos - dos sete planetas, é comprovado pelo que o Papa Pio V disse em sua Bula ao Clero Espanhol, permitindo e encorajando a adoração dos sete espíritos das estrelas. "Não se pode exaltar em excesso esses *sete reitores* do mundo, figurados pelos sete planetas, pois é consolador para o nosso século testemunhar, pela graça de Deus, o culto dessas *sete luzes ardentes* e dessas *sete estrelas* reassumindo todo o seu

brilho na república cristã." (*Les Sept Esprits et l'Histoire de leur Culte*; segunda 'Memoir' de De Mirville dirigida à Academia. Vol. II, p. 358.)

[6] Como Heródoto mostra a identidade de Mitra com Vênus, a frase da "Nabathean Agriculture" foi evidentemente mal entendida.

[7] "Tanto nas teologias bíblicas como nas pagãs", diz de Mirville, "o Sol tem o seu deus, o seu defensor e seu usurpador sacrílego, em outras palavras, seu Ormuz, seu planeta Mercúrio (Mitra) e seu Lúcifer, Vênus (ou Ahriman), tirados de seu antigo mestre e agora dados ao seu conquistador." (p. 164) Portanto, Lúcifer-Vênus é bastante sagrado agora.

[8] No Apocalipse não há "chifre quebrado", mas apenas é dito no Capítulo XIII, 3, que João viu "uma das cabeças dele, de certo modo, ferida de morte". João não sabia coisa alguma em seu tempo sobre um demônio "com chifres".

[9] As palavras literais usadas, e a tradução delas, são: "*Aïk Naphelta Mi-Shamayim Hillel Ben-Shachar Negdangta La-Aretz Cholesch El-Goüm*", ou, "Como caíste dos céus, Hillel, Filho da Manhã, como foste lançado à terra, tu que derrubaste as nações." Aqui a palavra, traduzida como "Lúcifer", é **ה י ל ל**, Hillel, e o seu significado é "brilhando intensamente ou gloriosamente". É verdade, também, que por um trocadilho que as palavras hebraicas facilmente permitem, o verbo *hillel* e tornar-se "uivar", e através de uma derivação fácil, o termo "hillel" pode ser visto como sendo "uivador", ou um demônio; uma criatura, no entanto, que raramente é vista "uivando". Em seu Léxico, Artigo **ה ל**, Parkhurst diz: "A tradução siríaca desta passagem a traduz como **א י ל ל**, 'uivo'; e até Jerônimo observa que significa literalmente 'uivar'. Michaelis a traduz como 'Uivo, Filho da Manhã'." Mas, nesse sentido, Hillel, o grande sábio e reformador judeu, também poderia ser chamado de "uivador" e ligado ao diabo!

000

O artigo "**A História de um Planeta: Vênus**" está disponível nos websites da Loja Independente de Teosofistas desde 02 de setembro de 2025. Ele foi publicado pela primeira vez em inglês pela revista "**Lucifer**", em Londres, em setembro de 1887. Veja o texto original em inglês: "**The History of a Planet: Venus**".

000

Leia mais:

* **Sol, o Deus Que Ilumina a Terra**.

* **O Lado Luminoso de Saturno**.

* **A Luz e a Força de Júpiter**.

* **Urano e a Civilização da Solidariedade**.

* **Netuno, Um Mistério Diante de Nós**.

* **Plutão: Dois Mil Anos de Luta**.

000

Helena Blavatsky (foto) escreveu estas palavras: "**Antes de desejar, faça por merecer**".

000